

## **Parentesco e diferencialidades: alternativas à identidade e às fronteiras étnicas no estudo das migrações.**

Igor José de Renó Machado

Apresentado em 2013. UNIFESP; Guarulhos; Migrações: fluxos, controles e políticas públicas; Universidade Federal de São Paulo.

Esse artigo tenta entrelaçar as relações entre migração e parentesco. Para atingir esse objetivo, sigo dois caminhos etnográficos distintos: a emigração internacional da região de Governador Valadares (M.G.) e a imigração japonesa no Brasil. Os trabalhos sobre Valadares foram feitos a partir de uma orientação detalhada: tínhamos objetivos específicos que cada novo campo tentava circunscrever. Nesse sentido, o conjunto de trabalhos sobre Valadares, por conta desse planejamento prévio e pela obviedade de se tratar de apenas um lugar, apresenta uma organicidade que nos permitiu entender em detalhes como o parentesco articula a experiência migrante.

Os trabalhos sobre a presença japonesa têm sua organicidade dada pelo objeto, mas o processo aqui foi inverso ao de Valadares: se lá nós construímos a articulação premeditadamente, focando o olhar nas situações em que o parentesco era evidentemente importante, no caso dos trabalhos sobre japoneses, essa articulação emergiu espontaneamente, meramente da condução dos trabalhos de campo com essas questões em mente. Num caso, o planejamento, noutro a decantação (a evidência que resta, sem planejamento). Mas os dois conjuntos de trabalhos demonstram que de algum modo o parentesco é essência da migração. Pensar o parentesco

como estruturador, como estrutura e como agenciador da movimentação nos possibilitou construir relações inesperadas e, justamente por isso, produtivas.

### Parentesco Valadarense

Em Valadares, a partir da etnografia nos bairros mais humildes de onde saem a maioria dos emigrantes, identificamos uma dinâmica que chamamos de “nano-casas”. Verificamos que ela é um dos estímulos principais para o impulso à mobilidade internacional, construída como um atalho para realizar um desejo inscrito nas ordens do parentesco. As “nano-casas” são o desejo de centralizar um conjunto de relações, de socialidades. Essa centralização exige uma expressão material de suporte: uma casa própria capaz de congrega a família (nuclear) e reunir a família (estendida) e amigos. É esse suporte material que indica, incontornavelmente, a independência em relação a outras socialidades. Com a casa, pode-se centralizar, sem ela pode-se apenas ser centralizado.

Esse desejo de centralidade é o que chamo de nano-casas. Estabelecemos uma relação detalhada desse processo com a ideia levistraussiana de Casa, mostrando como esse é uma espécie de radicalização do princípio da Casa de Lévi-Strauss (1999, 1986). Radicalização que conduz a uma fragmentação e aceleração radical das casas no tempo e espaço. Produz nano-casas que duram apenas o tempo de vida do casal, até os filhos construírem suas próprias nano-casas, e o casal voltar a ser “descentralizado” pelas relações dos filhos. Há, evidentemente, durações distintas para as nano-casas e isso tem relação direta com a estabilidade do casal e com o sucesso financeiro. Quanto mais bem sucedido, mais fácil é centralizar as relações (embora o dinheiro em si não garanta nada).

Essa percepção da necessidade de recursos materiais para centralizar relações “imateriais” articula a vontade da imigração, como uma opção para encurtar o processo: ganhar mais dinheiro rapidamente, voltar, ter algum negócio e prosperar econômica e relacionalmente. Demonstro assim como a movimentação é produzida a partir de uma “lógica nativa”. Em exemplos sucessivos fomos demonstrando como essa lógica opera em diversos níveis. Refletimos sobre a relação entre o casal que se organiza à distância, como estruturam a relação por meio de remessas e bens. Ou seja, vimos como o parentesco se atualiza num momento visto como passageiro e perigoso, aquele onde as pessoas estão separadas. Os trabalhos indicam que é por meio da circulação do dinheiro que o parentesco se atualiza nos períodos de ausência.

Enquanto o dinheiro das remessas flui, a relação existe. O primeiro sintoma do fracasso, do fim das relações, é o fim do envio das remessas. Esse dinheiro organiza a vida daqueles que ficam no Brasil: o dinheiro para as contas cotidianas paga o sustento e deve também ser gerido para que seja possível construir a casa própria ao final da aventura. Além do “dinheiro em si”, a circulação de bens (presentes, eletrodomésticos etc.) também estrutura as relações, aparecendo como aquilo que materializa a presença dos ausentes: o conjunto de bens, como computadores, jogos eletrônicos, roupas, eletrodomésticos, “estão para” os ausentes. O marido está na casa mobiliada, o pai está no computador, no telefone celular.

Vimos também como crianças e mulheres experimentam a migração em Valadares. Ou seja, apresentamos uma etnografia do parentesco “entre parênteses”, aquela atualização que organiza a vida das pessoas durante a ausência. De alguma forma, nossa etnografia mostra uma “tensão intensa” dada na ordem do parentesco, implicada na movimentação que pode ser assim resumida: a vontade das nano-casas, que implica num modelo de

parentesco “tradicional” leva à imigração; a ausência causada pela imigração exige uma atualização do parentesco, que é vivido de outras maneiras, gerando “produtos” inesperados e potencialmente ameaçadores ao modelo tradicional (independência das mulheres, afetos dos filhos direcionados a outros “não-ausentes”); a volta e reunião da família exige uma re-atualização do parentesco, um diálogo entre a “forma modelo” e a “forma entre parênteses”, que pode resultar em múltiplas possibilidades, desde a repressão ao modelo tradicional até a estruturação definitiva na forma entre parênteses (quando o casal decide viver apenas em ausência, perturbada por visitas anuais).

Esse processo pressupõe uma outra concepção de parentesco: A questão era pensarmos o parentesco a partir da noção de *relatedness* (Carsten 2004), tentando entender qual o resultado prático nas análises da emigração valadarense. O conjunto de trabalhos relacionados a Valadares indica o sucesso daquela hipótese: de fato, podemos pensar outras coisas, tecer outros argumentos e ver o fenômeno da migração de outra forma. Acredito termos demonstrado que pensar o parentesco relacionalmente pode sim ser produtivo.

Mas essa imbricação entre parentesco e migração em Valadares evidenciou também uma outra opção por tratar de um “ponto de vista” nativo como inclusivo e estruturante da realidade. Mas mais adiante indico também que essa perspectiva foi se transformando numa outra variação, influenciada pela antropologia de Ingold (2007). Olhando para a realidade da migração do ponto de vista dos que ficaram em Valadares, pudemos também entender um pouco mais dos processos que se desenvolvem entre imigrantes valadarenses no exterior, no caso, em Portugal. Tomar essa opção ontológica fluída deu (ou produziu) sentido à experiência dos

valadarenses em Portugal, que articulam uma vida imigrante muito distinta de outros brasileiros em Portugal.

Pudemos identificar uma espécie de genealogia da experiência valadarenses em Portugal quando olhamos para os familiares que ficaram no Brasil. E essa genealogia é organizada essencialmente pelo “parentesco valadarenses” (ao menos o das classes mais pobres). Foi possível estabelecer uma conexão entre a ética da economia e do isolamento que se abate sobre os valadarenses em Portugal, o “parentesco entre parênteses” e também com a produção das nano-casas: para remeter dinheiro, para enviar presentes, para construir rapidamente a casa, é preciso trabalhar intensamente, é preciso não gastar futilmente, é preciso não correr risco de ser preso.

Assim podemos entender o fato de valadarenses em Portugal (na costa da Caparica) trabalharem dois turnos de 8 horas, dividirem casas de quatro cômodos entre mais de dez pessoas, não circularem nas poucas horas de lazer. Tudo se refere à construção da nano-casa, à manutenção da relação “entre parênteses”. Ou seja, podemos entender a ética da economia (ou pão-durismo, como eles a chamam) como uma das dimensões do parentesco valadarenses, produzindo uma Valadarensidade migrante em Portugal. Gastar pouco é manter a família. Gastar muito é abandonar a família.

### Parentescos Japoneses

A opção pelo parentesco como via de análise nos levou a uma reflexão sobre a diversidade da experiência imigrante. Mas o desenvolvimento dessa reflexão sobre a diversidade só avançou como reflexão teórica a partir do segundo caminho do parentesco, aquele que trilhamos ao estudarmos a

presença japonesa no Brasil, remetendo fortemente às metáforas tecelares de Ingold.

A reflexão se dá sobre uma migração distinta daquela dos brasileiros em Valadares. Ela trata de uma migração que ocorreu no passado e que já completou 100 anos em 2008. Portanto, trata dos sedimentos de um processo de movimentação. São, portanto, temporalidades distintas. O que percebemos é que o tempo não produziu homogeneização e, ao contrário, impulsionou a diferenciação. Essa diversidade da experiência japonesa no Brasil virou o objeto de reflexão, inspirada já naquela diversidade da imigração brasileira em Portugal, ideia por sua vez enriquecida pela análise do parentesco valadarense em suas imbricações com a emigração.

Ao tratar dos nipo-descendentes, procuramos superar uma certa “imobilização teórica”: o fato do modelo teórico dominante e o tipo de situações analisadas operarem como produtores de um resultado que já conhecemos: identidades contrastivas, modelos de família, discriminações (negativas e positivas) e etnicidades hifenizadas como síntese. A ideia das “japonesidades múltiplas” foi se constituindo como alternativa, especialmente naquilo que implicava como outras possibilidades para pensar os parentescos nipo-descendentes. Tentamos outros ângulos e olhares para a questão “nipo-descendente”, trazer outras reflexões e ideias para pensar o que temos chamado de “japonesidades” e não tanto de “identidade nipo-descendente”.

A opção pelas múltiplas japonesidades deriva de uma preocupação com processos complexos dentro de algo genérico como uma “identidade nipo-descendente”. Abre espaço para a dissonância. De certa forma, essa preocupação com a dissonância é um tema central para os trabalhos gerados nesse contexto. Olhar para as dissonâncias como “japonesidades” facilitou uma des-hierarquização da análise: a japonesidade homossexual é

tão inteira, importante quanto a japonesidade dos “descendentes” que criam as vidas associativas dos clubes nipo-brasileiros.

Ou seja, falamos a partir de uma pressuposição do compartilhamento de experiências, moralidades e sentidos dessas japonesidades (mesmo que esse compartilhamento seja temporário, instável). Temos diferencialidades e não fragmentos ou “sub-identidades”, “sub-culturas”. A forma de ser “nipo-descendente” de um lutador de kendô não descendente (sem olhos puxados) é tão japonesa quanto a das velhinhas do Odori na associação Nipo em Araraquara. A japonesidade vista como múltipla permite que não analisemos as condições desses sujeitos como “menos ou mais” japonesas, mas como japonesas *à sua maneira*.

O que chamo de diferencialidades aqui poderia ser melhor descrito como um “emaranhado” de linhas (Ingold 2007), de trajetórias que são vividas e caminhadas em conjunto, produzindo um emaranhado, um novelo de trajetórias auto-referidas. Esses caminhos emaranhados produzem algo como ontologias, que são fruto do compartilhamento de perspectivas ao longo do caminho. Esses emaranhados são condensações (ou precipitações, como diria Roy Wagner) de perspectivas, dentro de emaranhados maiores, ainda dentro de outros emaranhados, numa espécie de fractalismo tecelar. Emaranhados dentro de emaranhados dentro de emaranhados. Cada concentração corresponde a precipitações que poderíamos chamar de diferencialidades: modos compartilhados de experimentar, ver, pensar e sentir o mundo. Nesse sentido, os emaranhados são totalidades, mas um tipo de totalidade que se têm com um novelo: basta puxar o fio para desmontá-la e re-embaralhá-la em novos emaranhados.

As japonesidades múltiplas, por outro lado, indicam uma ruptura com a noção de margens, limites e distinções estanques entre japoneses e brasileiros. Há situações e processos que geram englobamento, que

eliminam, subvertem ou desestabilizam alguns pressupostos. Há processos de produção de japoneses que ultrapassam a consanguinidade – tão importante entre japoneses e descendentes, como vários trabalhos indicam – e a marcação racial. Há não-descendentes que se tornam “mais” japoneses que descendentes, segundo critérios dessas japonesidades múltiplas. Ou seja, há parentescos não consanguíneos operando constantemente, embaralhando uma definição cômoda de japonês a partir de marcadores raciais (olhos puxados).

As japonesidades se desdobram, em relação à “raça” e fenótipo de modos complexos: desde a japonesização do não-descendente até a des-japonesização completa do descendente. O olhar às japonesidades múltiplas permite um deslocamento entre raça e etnicidade, ou mesmo “cultura”: a japonesidade tem contornos que podem ultrapassar o universo dos descendentes. A ideia das japonesidades múltiplas incide, portanto, exatamente naquilo que nos interessa: na produção do parentesco. Quando pudemos considerar um campo diferente de relações (não delimitado pela consanguinidade) encontramos parentescos japoneses que englobam diversas possibilidades, podendo mesmo englobar não-descendentes e excluir descendentes. Ou seja, trouxemos para o primeiro plano a forma como os sujeitos operam suas relações, constituindo redes de parentesco que escapariam a um olhar mais tradicional.

As japonesidades aparecem como feixes que condensam práticas e discursos, que se constituem e constituem os sujeitos. São formas singulares de expressar a experiência japonesa no Brasil. Escolhem para si mecanismos singulares de agenciamento da subjetividade. Todos são “japoneses”, “nipo-descendentes”, “nikkeis”, mas cada um o é a sua maneira. As macro-categorias são apenas uma referência a uma constelação de japonesidades, em movimento e em transformação. Deriva dessa

“presença japonesa” até mesmo uma brasilidade precipitada pelos processos japoneses que lhe atravessam, como a comida japonesa, como demonstram Hatugai e Kubota.

Tomemos como exemplo o trabalho de Lourenção (2010). Vemos que as japonesidades persistem em potência nas artes marciais, como o Kendô, o judô etc. Japonesizando os bárbaros, se diria. É comparável à japonesidade dos velhinhos na colônia, afeitos à substância do sangue e da comida, como no trabalho de Hatugai (2010), mas diferente, por japonesizar agora o espírito, ou seja, o espírito como substância. Essa passagem da substância (sangue e comida) para o espírito é um “morrer para fora”, cujo preço é desenraizar o espírito do sangue. Ou seja, é construir um parentesco “japonês” entre não-descendentes. É um preço caro, que se tenta vender barato controlando as artes morais e dando um privilégio aos que vieram da colônia. Mas é inescapável que os japoneses (não-descendentes) produzidos pela máquina reivindicem seu quinhão nesse conjunto de relações.

No contexto dos descendentes, o *iê*, a Casa, se evapora e novas formas de parentesco têm que ser organizadas. Não que isso não imponha dilemas ou que as colônias deixem de tentar sobreviver como colônias. Essa japonesidade da colônia, no sentido de uma japonesidade “pura”, a princípio se quer reproduzir como sistema moral – e de vida – mas que a vida urbana e o próprio “sucesso” da ascensão social levaram a um dilema: a perda do controle, a abertura para o não-japonês e os processos de desdomesticação que surgem daí. Os filhos, netos, acabam lidando com outras morais – formas de viver – e constroem outros caminhos possivelmente “menos” japoneses sobre o ponto de vista da colônia. Já a japonesidade “espírito”, como a arte moral do kendô (por ex.) reverte, rejaponiza, rehierarquiza, pagando o preço de japonesizar o não japonês. Processo que

desloca as japonesidades, que também modifica aquela japonesidade da colônia. Os trabalhos desenvolvidos no grupo de pesquisa conseguem desestruturar a noção de consangüinidade sempre atribuída aos nipo-descendentes, mostrando como as japonesidades operam para além do fenótipo, criando não-descendentes japonesizados e também descendentes não japoneses.

A noção provisória de diferencialidade nos serviu para pensar os processos que atravessam a presença japonesa no Brasil: pensamos em japonesidades. Em japonesidades como pontos de vista inclusivos, oferecendo diferenciais infinitesimais em relação a um conjunto comum de símbolos, signos, experiências, crenças, morais etc. Essas diferenças infinitesimais são pontos de vista que expressam ontologias distintas, mas evidentemente encaradas como momentos em processos constantes de diferenciação. São totalidades incompletas, por assim dizer: expressam a forma de estar no mundo de conjuntos de pessoas durante algum tempo (temporariamente estabilizadas), mas continuam a se diferenciar incessantemente.

#### Considerações finais: relacionando parentescos

O recurso à diferencialidade nos pareceu produtivo para pensar a enorme variação de experiências japonesas no Brasil, principalmente por levar a uma negação do grupo a priori. Essa negação nos permitiu trazer alguma novidade, principalmente no que se refere à extensão e definição de quem são os japoneses. De um ponto de vista tradicional, a definição dos nipo-descendentes é sempre mediada por uma apreciação fenotípica: sangue japonês, cara de japonês. Ou seja, sempre se remete, mesmo que não declaradamente, a um parentesco japonês. O grupo é definido sempre pelos contornos do biológico, para então se pensar em outras diferenciações

possíveis. Escapar à biologia nos permitiu pensar as japonesidades como processos ontológicos fluídos que se esquivam àquela população circunscrita pelo sangue. Não-descendentes (vamos chamá-los assim por economia do texto) podem se tornar japoneses. Ou seja, essa perspectiva abriu a perspectiva de também se pensar o parentesco japonês *sem* a consanguinidade, dando destaque à noção de relacionalidade num contexto sem a necessidade da marcação biológica.

Essa possibilidade analítica produziu reflexões interessantes e indicativas de um horizonte ainda a ser explorado. As japonesidades constroem seus japoneses, mesmo que sejam não-descendentes. Obviamente, não há uma forma única de japonesizar, é justamente o contrário que temos demonstrado: há tantas formas quanto são as japonesidades, ou mesmo há japonesidades que não admitem o não-descendente ou o admitem como “quase japonês”.

Estamos aqui, portanto, construindo uma relação entre o parentesco e migração, amparados na ideia de diferencialidade. Como dois produtos da reflexão que temos desenvolvido e dos quais vimos acima uma pequena gênese, nos fazemos agora a seguinte pergunta: a diferencialidade refere-se ao parentesco? Que relações podemos construir entre essas dimensões? É o parentesco o motor da diferenciação migrante, ao contrário do que se poderia supor ao pensá-lo como uma espécie de esqueleto que estrutura a vida social, a partir de concepções “ocidentais” de consanguinidade? Imaginamos que sim, que há de fato cruzamentos, conexões e entrelaçamentos possíveis e, analiticamente, interessantes. É nesse caminho que segue agora nossa reflexão, tentando tirar daí as consequências, na medida em que nos ajudem a pensar a imigração, o parentesco e a produção de ontologias fluídas.

Entre o parentesco valadarense e os parentescos japoneses que analisamos, há em comum a produção de diferencialidades, quase como expressões estruturais desses. Seja no caminho da etnografia des-contínua valadarense, cujos dados destacam um parentesco englobante, seja no caminho das múltiplas etnografias das japonesidades, cujas narrativas decantam o parentesco, temos uma única imbricação complexa entre parentesco (relacionalidades), diferencialidades e i/emigração.

Vemos que a “etnografia de grupo” em Valadares conseguiu demonstrar como opera em detalhes a produção do parentesco e as consequências desse processo: a casa, a migração, inflexões numa concepção moral de família, embates sobre o papel da mulher etc. Percebemos um parentesco em movimento, articulando a circulação de pessoas, de bens, de sentimentos, de ideias e de poderes. Podemos dizer que esse exemplo nos demonstra o que o parentesco *faz* em Valadares.

Os “exemplos japoneses”, por assim dizer, pelo contraste que oferecem entre si e entre a pesquisa em Valadares, indicam vários processos articulando a experiência, que temos chamado de diferencialidades. Esses mesmos trabalhos indicam que essas diferencialidades são intensamente relacionadas aos parentescos japoneses no Brasil: ainda não sabemos se as diferencialidades são apenas outro nome para “parentesco” ou se são uma dimensão importante da sua constituição. Percebemos ainda apenas a “imbricação complexa” citada acima, resta agora desenrolar esse novelo ao longo dos anos. O que podemos dizer até aqui é que quando recorremos às ontologias fluídas dos emaranhados, resta sempre algo de parentesco, agenciando a experiência dos sujeitos. Comida, palavras, imagens, corpos.